

“País perdeu complexidade produtiva”

“O pacote neoliberal destruiu a indústria nos últimos 40 anos”

STIEESP



Chicão: “são os trabalhadores e empresários da indústria que irão tirar Brasil do buraco da especulação”

“Deveríamos promover um grande encontro dos setores laborais e patronais da indústria, para, juntos, consolidarmos uma aliança e traçarmos as metas dos trabalhadores, das empresas e do governo, na busca de uma indústria forte, geradora de bons empregos e de um projeto de desenvolvimento nacional”, afirmou ao HP Eduardo Anunciato, o Chicão, presidente do Sindicato dos Eletricistas de São Paulo e da Federação dos Trabalhadores em Empresas do Meio Ambiente. **P. 5**



Avaliação é do diretor da CNI, Rafael Lucchesi, na Conferência de CT&I

Num “grande erro estratégico de país, nós conseguimos retroceder, regredir, empobrecer, perder protagonismo. Foi tudo isso que nós conseguimos acreditando nessa mentira”, afirmou Rafael Lucchesi, diretor de Desenvolvimento Industrial da Confederação

Nacional da Indústria (CNI), no painel da 5ª Conferência Nacional de CT&I. “Ninguém fala dos R\$ 780 bilhões que nós gastamos na ciranda financeira, como diria Maria da Conceição Tavares, que serve para o lucro dos super-ricos que não pagam tributos no Brasil”, afirmou. **Página 2**

Nilson: “ameaçar com mais juro é chantagem criminosa do BC”



A equipe feminina de vôlei comemora. Das 20 medalhas do Brasil, 12 foram conquistadas por mulheres

Mulheres garantem desempenho histórico para o Brasil em Paris

Com o fim das Olimpíadas no último domingo (11), a delegação brasileira se despediu dos Jogos de Paris 2024 com 20 medalhas conquistadas, sendo três de ouro, sete de prata e dez de bronze. O re-

sultado deixou o país no 20º lugar no quadro de medalhas, sendo a segunda melhor marca de sua história em números totais de pódios alcançados, abaixo apenas das 21 medalhas conquistadas em Tóquio

2020. Esse desempenho, contudo, quando considerado apenas o número de ouros, ficou bem abaixo das duas últimas edições dos Jogos Olímpicos, quando o país conquistou 7 medalhas de ouro. Em Paris,

foram três medalhas douradas em 2024, todas conquistadas por mulheres: Beatriz de Souza, no judô; Rebeca Andrade, na ginástica artística; vôlei de praia feminino, com a dupla Ana Patrícia e Duda. **Pág. 4**

“Não há ‘razão técnica’ alguma, ou seja, razão econômica, para a elevação da taxa de juros. Mas Campos Neto não está satisfeito com os 836 bilhões de reais que o governo pagou de juros nos últimos 12 meses. O que ele quer é aumentar essa sangria”, denuncia o economista e professor Nilson Araújo de Souza, diretor da Fundação Maurício Grabois e membro do Comitê Central do PCdoB. Para Nilson, Campos Neto além de servir aos rentistas quer “de quebra sabotar a economia para viabilizar o retorno do bolsonarismo fascista ao poder”. **Página 2**

Galípolo diz que sobe juro por ser dos que gostam de ver sangue

“A ideia de ser indicado para o BC sem possibilidade de aumentar juro não faz muito sentido. Está claro que todos os diretores estão dispostos a fazer o necessário para perseguir a meta”, afirmou o diretor do BC Gabriel Galípolo, em participação no 15º Congresso Brasileiro das Cooperativas de Crédito (Concred), em Belo Horizonte (MG). **Página 2**

Australianos compram mina de nióbio em Minas Gerais

A mineradora australiana St. George Mining anunciou a compra de 100% do ativo Araxá, um projeto planejado de mina e planta de extração de nióbio e terras-raras em Minas Gerais. Com a transação, a extração e venda dos minerais altamente valiosos seguirá em mãos estrangeiras e o país, bem como a região mineira, pouco se beneficiarão da exploração destas riquezas. **Página 3**

Netanyahu mata mais de 100 civis em bombardeio a escola em Gaza

Um ataque aéreo israelense a um complexo escolar em Gaza no sábado (10) matou uma centena de palestinos que se abrigavam no local, segundo autoridades de saúde. Médicos disseram que caminharam “entre os corpos e pedaços das vítimas para tentar localizar feridos e sobreviventes”. Os assassinos de Netanyahu admitiram que o alvo era a escola Taba e'en, na cidade de Gaza. **Pág. 6**

Suprema Corte da Venezuela anuncia fase final da perícia eleitoral

O Tribunal Superior de Justiça da Venezuela anunciou, no sábado (10), que a revisão de todos os materiais eleitorais, como as atas detalhadas das urnas e os depoimentos dos ex-candidatos à eleição presidencial de 28 de julho, apresentados pelo Conselho Nacional Eleitoral (CNE) e pelos ex-candidatos entrou em sua última fase. **Página 6**

Erro da Boeing detém astronautas no espaço até 2025

Pág. 7

Múlti australiana compra minas de nióbio e terras raras em MG



Assessor da Presidência, Celso Amorim

Celso Amorim suspende compra de 36 blindados de fabricação israelense

Diante dos crimes hediondos cometidos pelo regime de Benjamin Netanyahu contra a população civil palestina e o desrespeito ao Brasil, o governo brasileiro decidiu suspender a compra de 36 veículos blindados de Israel. O movimento capitaneado pelo assessor internacional do presidente Lula, Celso Amorim, levou o Ministério da Defesa a negociar a substituição da importação pela fabricação no Brasil.

A empresa israelense Elbit Systems tinha vencido a licitação de R\$ 1 bilhão. As outras empresas que participaram do certame foram: uma empresa da China, uma da França e outra da República Tcheca. Naquela mesma época o embaixador brasileiro tinha sido humilhado pelo chanceler israelense após as declarações de Lula de que Netanyahu estava agindo de forma semelhante aos nazistas. Desde essa data o Brasil está sem embaixador em Israel.

O presidente Lula já havia autorizado o Ministério da Defesa a concluir o contrato com a empresa israelense e o Exército avançou nos trâmites internos. Na semana passada, a força concluiu todo o procedimento jurídico para assinatura do contrato, faltando apenas sua assinatura.

Mas Celso Amorim intercedeu junto a Lula para suspender o fechamento do negócio. A CNN, ele justificou sua posição: "Depois da ação altamente condenável do Hamas houve genocídio por parte de Israel em relação aos palestinos e acho complicada essa compra. Primeiro que a decisão da corte internacional recomenda não colaborar com Israel nesse aspecto militar. Além disso, é preciso esperar passar essa instabilidade no conflito com Gaza", afirmou.

Amorim reforçou ainda que não se trata de algo especificamente contra Israel. "Não tenho nada contra Israel. O povo judeu deu inúmeras contribuições à humanidade ao longo da história. O Brasil reconhece e respeita o estado de Israel. Mas esse governo atual do país (de Benjamin Netanyahu) tem tido comportamento altamente condenável do ponto de vista militar. Então é delicado ficar dependendo militarmente de Israel", prosseguiu.

Nesta semana o regime de Israel bombardeou mais um escola a cidade de Gaza matando mais de cem pessoas que estavam abrigadas no local se protegendo dos combates. Já são mais de 39 mil palestinos mortos. Os assassinos de Netanyahu admitiram que o alvo era a escola Taba'een, na cidade de Gaza, sob o pretexto de sempre, de que havia membros do Hamas na escola.

O ataque ocorreu sem aviso prévio, no início da manhã de sábado, antes do nascer do sol, enquanto as pessoas rezavam em uma mesquita dentro da escola, segundo o gabinete de imprensa do Hamas. Segundo Mahmoud Bassal, porta-voz dos socorristas da Defesa Civil que operam sob o governo local administrado pelo Hamas, três mísseis atingiram o prédio de dois andares — o primeiro andar abriga a mesquita e o segundo a escola — onde cerca de 6.000 pessoas deslocadas estavam se abrindo da guerra.



Mineradora australiana vai se apossar de minerais estratégicos e valiosos em Minas

"Se você quer paz, esteja preparado para a guerra", diz Lula ao lançar a fragata Tamandaré

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva participou na sexta-feira (9), em Itajaí (SC), do lançamento da primeira fragata da classe Tamandaré, parte do programa Fragatas Classe Tamandaré (PFCT), executado pela Marinha do Brasil.

O presidente defendeu que, embora o Brasil busque a paz, é fundamental estar preparado para a guerra. "Se você quer paz, esteja preparado para a guerra. A guerra não nos interessa. As fragatas devem representar a paz", afirmou, depois de pedir um minuto de silêncio pelas mortes do acidente de Avião em Vinhedo, interior de São Paulo.

Lula disse que "essa é uma indústria indispensável para a nossa soberania, garantindo o domínio sobre nossas riquezas naturais, nosso mar e o nosso pré-sal. "O lançamento da fragata é mais um passo no fortalecimento das Forças Armadas", afirmou.

O presidente também enalteceu o papel da estatal Engenprom, responsável pela condução do projeto em parceria com empresas

como a Embraer Defesa e Segurança, e sua subsidiária Atech e a Thyssenkrupp Marine Systems.

Ele destacou que desde seu primeiro governo, o governo buscou sempre "ampliar a capacidade de escolha do País por tecnologias que melhor atendam as demandas estratégicas, estimulem diferentes setores da economia e garantam as melhores oportunidades de formação dos profissionais brasileiros".

"O poder de compra do Estado brasileiro pode e deve ser utilizado para fortalecer essa estrutura produtiva e estimular a geração de novas tecnologias e empregos", defendeu Lula, destacando que "este projeto, particularmente, reúne uma série de vantagens que vão de encontro às nossas expectativas".

O programa Fragatas Classe Tamandaré faz parte do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e prevê a construção de quatro fragatas no Brasil com significativa participação nacional e transferência de tecnologia.

"A construção das quatro fragatas con-

tratadas ocorre em um estaleiro no Brasil, com grande participação da Indústria nacional. Ela também envolve transferência de tecnologia, a geração de 8 mil empregos diretos e indiretos, o aumento da arrecadação fiscal nas três esferas e o fortalecimento do núcleo do Poder Naval para missões de Defesa da Pátria", prosseguiu o presidente.

"Mais que um projeto de governo, o Programa de Fragatas Classe Tamandaré é um projeto do Estado Brasileiro, gerenciado por uma empresa pública, a Engenprom. Por esse motivo, o Programa foi incluído no Novo PAC", afirmou Lula.

O comandante da Marinha, almirante Marcos Sampaio Olsen, também alertou, em seu discurso durante a solenidade, para a "imaturidade" de subestimar riscos à integridade territorial brasileira. A paz emana da força assertiva que se contrapõe à ilusória crença que nação pacífica estaria alheia às ameaças ou revides bélicos. Tal concepção exprime erro crasso", apontou o almirante Olsen.

"Acordo" entre Eletrobrás e governo "é altamente lesivo ao país", denuncia engenheiro Ikaró Chaves

O engenheiro Ikaró Chaves, ex-membro do conselho de administração da Eletrobrás, disse.

"O STF não era o melhor caminho, porque ele deixou, por exemplo, que a Petrobrás fosse vendida aos pedaços e, com isso, refinarias foram vendidas como quem vende banana", afirmou. "O STF já havia avalizado a privatização da Eletrobrás sem licitação. O próprio STF autorizou a privatização da Eletrobrás, contrariando entendimento dele mesmo", destacou o engenheiro.

"Já dizíamos isso desde o início na campanha do presidente Lula, mas não fomos ouvidos. "Isso poderia até ser uma etapa intermediária na luta pela reestatização", argumentou Ikaró, mas acabou neste acordo que não traz nada de bom para o país.

Ele acrescentou que "o Brasil precisa com urgência retomar o controle soberano do setor elétrico, porque nenhum país do mundo abre mão desse controle". "E também porque os donos da Eletrobrás estão destruindo a estatal. Estão demitindo os melhores téc-

nico e acabando com a memória técnica da empresa", alertou.

"Durante a campanha foi dito que o objetivo era recuperar a Eletrobrás como patrimônio do povo. Esse era um dos objetivos anunciados pelo governo. Isso está no programa de governo Lula", acrescentou Ikaró, apontando que o desfecho com esse acordo, anunciado agora, mostra que "esse caminho escolhido pela equipe do Planalto não foi o melhor".

Pelo acordo, que foi informado pela empresa aos seus acionistas, um novo Conselho de Administração seria formado pela empresa com 10 integrantes. O governo ficaria com 3 assentos, mas mantendo os 10% de votos na assembleia de acionistas. Em contrapartida, a Advocacia Geral da União (AGU) teria que retirar a ação do STF. Além disso, a Eletrobrás venderia sua participação na Termoeletrônica para o governo. Ou seja, ficaria tudo como está hoje no comando da Eletrobrás.

"O problema não é de cadeiras no conselho", adverte Ikaró.

St. George Mining, da Austrália, anunciou que fechou acordo para comprar 100% do ativo Araxá, um projeto planejado de mina e planta de extração de nióbio e terras-raras na região. O país continua a assistir inerte à sangria de suas riquezas

A mineradora australiana St. George Mining anunciou a compra de 100% do ativo Araxá, um projeto planejado de mina e planta de extração de nióbio e terras-raras em Minas Gerais. Com a transação, a extração e venda dos minerais altamente valiosos seguirá em mãos estrangeiras e o país, bem como a região mineira, pouco se beneficiarão da exploração destas riquezas.

Especialistas brasileiros cobram mudanças na atual legislação que regula a exploração mineral no Brasil. O objetivo é que as rendas obtidas com a exploração mineral do país possam ser revertidas em mais ganhos econômicos e sociais para o Estado e para os brasileiros.

Além de gordas isenções fiscais, o setor mineral paga muito pouco na forma de royalties e participações para a União que é possuidora das riquezas. Segundo esses mesmos especialistas, o país também precisa processar seus minerais e ajudar na retomada da produção industrial no país.

O projeto já é de propriedade da americana produtora de fosfato e fertilizantes especiais Itafos Inc. Ele está situado em uma das regiões mais importantes do mundo para a produção de nióbio. O ativo Araxá está localizado em área adjacente à operação da Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração (CBMM), empresa mineira e líder do mercado de nióbio, respondendo por cerca de 80% da produção mundial. O ativo também está próximo à mina de fosfato da americana Mosaic Company, uma das maiores produtoras de fertilizantes fosfatados e potássio do mundo.

O nióbio é um mineral altamente cobiçado em todo o mundo e é usado atualmente para tornar o aço mais resistente. Este material é usado na fabricação de aeronaves e outros tipos de veículos. Há hoje no mundo um crescente mercado de nióbio e terras-raras.

A área de concessão do projeto em Minas Gerais cobre cerca de 226 hectares. Com menos de 10% da concessão perfurada até agora, o potencial para descobertas adicionais é enorme. Em comunicado ao mercado, a própria e presa compradora da concessão afirma que "o ativo Araxá possui recursos de alta qualidade".

Já as terras raras são minerais estratégicos da atualidade, essenciais e altamente valorizados no mercado global. Esses minerais são encontrados no rejeito da produção de nióbio. Araxá tem uma das maiores reservas desses elementos em todo o país. As terras raras são

Alckmin: nações ricas são as que mais distorcem o comércio internacional e temos que nos defender

O vice-presidente e ministro da Indústria, Geraldo Alckmin, afirmou que o mundo todo está praticando "um enorme protecionismo" para suas indústrias, especialmente as "nações mais ricas", e o Brasil tem que "fazer defesa comercial".

Em um evento organizado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), Alckmin



Vice-presidente da República

compostas por 17 elementos e um deles foi separado por meio de estudos, sendo a matéria-prima para fabricar o superímã, usado em motores.

As terras raras são cada vez mais valorizadas na chamada "transição energética". Elas são hoje insumos necessários para a fabricação de superímãs, usados em equipamentos de energia eólica. Cada gerador de uma usina eólica consome grande quantidade de alguns tipos de terras raras.

O Brasil ainda não produz os superímãs. "Existe conhecimento de obtenção do superímã em universidades, mas não em cadeia industrial, então esse superímã que é usado principalmente em turbinas eólicas precisa ser importado", disse o responsável pelo Laboratório de Processos Metalúrgicos do IPT (Instituto de Pesquisas Tecnológicas) da USP, João Batista Ferreira Neto.

Ainda de acordo com o pesquisador, a produção do material é feita a partir do óxido de didímio, um dos metais das terras raras. "Na cadeia de produção dos superímãs temos o minério concentrado, os óxidos, o metal e o ímã propriamente dito. A CBMM (Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração) já tem uma fase de concentração desse material desenvolvida e de separação também. A próxima fase seria a obtenção da liga que dá origem ao ímã. Já estamos em entendimento com a empresa e outros parceiros para desenvolver a cadeia completa", explicou João Batista.

A mineradora australiana St. George destaca que perfurações históricas feitas na região identificaram uma extensa mineralização de nióbio, terras-raras e até mesmo fosfato no local. O presidente executivo da mineradora, John Prineas, se mostra entusiasmado com as possibilidades da aquisição. Ele reagiu que isso representa uma grande oportunidade para a companhia se tornar um player global no mercado desse tipo de minério, ressaltando que a localização do empreendimento oferece vantagens relevantes para o desenvolvimento e a exploração do recurso.

A americana produtora de fosfato e fertilizantes especiais Itafos Inc. receberá US\$ 21 milhões pela venda da mineradora, além de ações que totalizam 10% do capital social da compradora. A Itafos diz ainda que o empreendimento poderá ter uma capacidade inicial de produção de 700 mil toneladas de óxido de nióbio por ano e de 8,7 milhões de óxidos de terras-raras.

ressaltou que "não tem desenvolvimento social e econômico, ganho de renda e salários de maior valor, se não tiver indústria. A indústria agrega valor e está na ponta da vanguarda tecnológica".

Para ele, "o mundo mudou. Pós-crises de 2008 e da Covid, o que a gente observa no mundo inteiro é um enorme protecionismo, e as nações mais ricas são as que mais distorcem o comércio internacional".

"Então, nós temos que, de um lado, fazer defesa comercial quando está na cara que está havendo um problema e, de outro lado, trabalhar permanentemente para reduzirmos custos e termos melhor competitividade", acrescentou.

Geraldo Alckmin comentou as políticas lançadas pelo governo Lula, como a "Nova Indústria Brasil", que prevê mais de R\$ 300 bilhões em investimentos até 2026. Ele citou os eixos de inovação, registro de patentes, sustentabilidade e exportação e importação.

Alckmin ainda defendeu a reforma tributária, que, segundo ele, simplifica impostos e traz eficiência econômica, ao desonerar investimentos e exportações.

Golpistas terão que pagar R\$ 56 milhões por danos morais e materiais, define a AGU

A Advocacia-Geral da União (AGU) pediu, na quarta-feira (7), à Justiça Federal em Brasília que cinco golpistas condenados pelo ataque do dia 8 de janeiro de 2023 paguem R\$ 56 milhões por danos morais e materiais.

O órgão já informou que outros condenados serão apontados em novas ações.

Eric Prates Kobayashi, Andre Luiz Barreto Rocha, Gisele do Rocio Bejes, Jacqueline Freitas Gimenez e Osmar Hilebrand foram condenados pelo Supremo Tribunal Federal (STF) por terem participado da tentativa de golpe e da depredação de prédios públicos.

A Procuradoria Nacional da União de Patrimônio Público e Probidade, que é parte da AGU, calculou, com base em documentos oficiais, que o dano

total da depredação feita pelos bolsonaristas chegou a R\$ 26,2 milhões.

A horda invadiu e destruiu o Palácio do Planalto, sede do governo federal, o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal.

A AGU pede que R\$ 1,2 milhão, já bloqueado por ações anteriores, tenha os cofres públicos como destino. Além disso, pede que sete veículos, quatro motos e dois imóveis que pertencem aos condenados e já foram bloqueados sejam transferidos para a União.

Desde as primeiras condenações, ocorridas em setembro de 2023, o STF definiu que R\$ 30 milhões em indenização por danos morais coletivos seriam pagos pelos condenados de forma solidária.

Mulheres garantem desempenho histórico do Brasil nas Olimpíadas

Em Paris, 12 das 20 medalhas foram de esportistas femininas. Um décimo terceiro pódio, do judô por equipes, também teve participação importante das mulheres

Com o fim das Olimpíadas no último domingo (11), a delegação brasileira se despediu dos Jogos de Paris 2024 com 20 medalhas conquistadas, sendo três de ouro, sete de prata e dez de bronze. O resultado deixou o país no 20º lugar no quadro de medalhas, sendo a segunda melhor marca de sua história em números totais de pódios alcançados, abaixo apenas das 21 medalhas conquistadas em Tóquio 2020.

Esse desempenho, contudo, quando considerado apenas o número de ouros, ficou bem abaixo das duas últimas edições dos Jogos Olímpicos, quando o país conquistou 7 medalhas de ouro.

Em Paris, foram três medalhas douradas em 2024, todas conquistadas por mulheres: Beatriz de Souza, no judô (categoria acima de 78 kg); Rebeca Andrade, na ginástica artística (solo); além do vôlei de praia feminino, com a dupla Ana Patrícia e Duda.

As medalhas de prata ficaram com o futebol feminino; canoagem C1 1000 m, com Isaquias Queiroz; surfe feminino, com Tatiana Weston-Webb; marcha atlética masculina, com Caio Bonfim; ginástica artística feminina, categoria geral individual, com Rebeca Andrade; ginástica artística feminina, no salto, com Rebeca Andrade; e judô, categoria até 66 kg, com Willian Lima.

Já os bronzes ficaram com o vôlei feminino; 400 m com barreiras masculino, com Alison dos Santos; skate park masculino, com Augusto Aki; surfe masculino, com Gabriel Medina; ginástica artística feminina, categoria geral por equipes, com Rebeca Andrade, Flavia Saraiva, Jade Barbosa, Lorrane Oliveira e Julia Soares; skate feminino, com Rayssa Leal; judô feminino, categoria até 52 kg, com Larissa Pimenta; judô por equipes; Bia Ferreira no boxe feminino; e Edival Pontes, no taekwondo masculino.

Antes das Olimpíadas, a expectativa para o Brasil era superar o recorde de 21 medalhas conquistadas em Tóquio, com uma projeção de alcançar 22 pódios. No entanto, o recorde de sete medalhas de ouro das últimas duas edições já era considerado difícil de repetir, e a previsão inicial para o número de títulos era de cinco. O grande destaque da delegação foram as mulheres que, pela primeira vez na história, conquistaram mais medalhas do que os homens.

DESEMPENHO HISTÓRICO

Antes mesmo de os Jogos Olímpicos de Paris começarem, as mulheres brasileiras já faziam história. Pela primeira vez em mais de cem anos de participações do país em Olimpíadas, a delegação do Brasil teve mais mulheres do que homens: 163 contra 126, uma fatia correspondente a 56,4% do total. Com isso, a maioria dos vinte pódios conquistados pela delegação foi resultado do empenho feminino.

Ao todo, doze das vinte medalhas foram de esportistas femininas. Um décimo terceiro pódio, o das equipes no judô, não foi obra 100% das mulheres, mas com participação importante delas. Há três anos, em Tóquio, os pódios femininos representaram 43% do total do Brasil. No Rio, há oito, 26%.

Curiosamente, elas também se sobressaíram nos outros naipes de medalhas: houve mais pratas (quatro contra três) e mais bronzes (cinco contra quatro) femininos do que masculinos.

Como era de se esperar, na coletiva de imprensa convocada pelo COB no último domingo para realizar um balanço da campanha

brasileira em Paris, o assunto foi abordado.

“Há dois ciclos olímpicos, o COB começou a investir especificamente nas mulheres. Não só atletas, mas também para tentar aumentar o número de treinadoras e gestoras. O que vimos aqui em Paris no esporte reflete o que está acontecendo na sociedade: a mulher cada vez mais se fortalecendo”, disse Mariana Mello, subchefe da Missão Paris 2024 e gerente de Planejamento e Desempenho Esportivo do Comitê Olímpico do Brasil (COB).

O chefe da missão e diretor-geral do COB, o ex-medalista olímpico Rogério Sampaio, também destacou a performance das mulheres brasileiras.

“Queremos sempre ultrapassar barreiras, quebrar recordes, vencer sempre. Acho que nesses Jogos Olímpicos conseguimos quebrar alguns desses recordes, algumas dessas barreiras, principalmente no que diz respeito ao esporte feminino, o que nos deixa bastante satisfeitos”, afirmou Sampaio.

A cada conquista feminina do Brasil em Paris, o impacto destas medalhas no desempenho geral do país, assim como em seu histórico, se afirmava com mais força. Foi na capital francesa que, por exemplo, a ginasta Rebeca Andrade saiu de um dos principais nomes do esporte brasileiro para se tornar a maior medalhista olímpica do Brasil em todos os tempos. Seus quatro pódios em Paris (um ouro, duas pratas e um bronze) levaram a paulista a seis no total, ultrapassando Robert Scheidt e Torben Grael, antigos detentores da posição.

“Para mim é uma honra ser mulher preta e hoje estar onde eu estou: no topo do mundo”, disse Rebeca.

No surfe, a prata de Tatiana Weston-Webb foi a primeira medalha de uma mulher brasileira na modalidade. Um dos esportes que mais cresce no país, o surfe do Brasil se afirmou como potência entre os homens, com sete dos últimos nove títulos mundiais. No entanto, entre as mulheres, nunca chegou lá. O resultado de Weston-Webb foi o melhor do Brasil em Paris e pode abrir caminho para uma nova era do surfe feminino.

“Sinto nada mais do que orgulho de representar as meninas, especialmente o surfe no Brasil. Espero que isso inspire várias meninas a surfarem e irem atrás dos seus sonhos”, declarou a surfista após a conquista da prata.

O ouro conquistado por Duda e Ana Patrícia deu fim a um jejum de 28 anos sem mulheres brasileiras subirem ao lugar mais alto do pódio no vôlei de praia olímpico. Porém, enquanto a vitória em 2024 era a afirmação do crescente impacto feminino no esporte brasileiro, em Atlanta-1996 as duas medalhas do vôlei de praia do Brasil - ouro para Jacqueline e Sandra e prata para Mônica e Adriana Samuel - eram literalmente os primeiros pódios de mulheres brasileiras em Olimpíadas.

Com mais oportunidades vêm mais resultados. E o que pensa a boxeadora Bia Ferreira, que em Paris acrescentou um bronze à sua coleção olímpica, que contava com uma prata obtida em Tóquio.

“As mulheres sempre trouxeram bons resultados. Temos grandes atletas de referência feminina, só que tínhamos um número menor. Acredito que era por isso que não tinha mais resultados. Então quanto mais oportunidades vierem e mais mulheres se classificarem, automaticamente vamos trazer resultados”, expôs a atleta.



Equipe brasileira de ginástica, um verdadeiro fenômeno em Paris 2024



Maior jogadora da história, Marta se despede dos campos com uma prata



Equipe de vôlei brasileira conquistou o bronze após jogo contra a Turquia

FAB recupera caixas-pretas e inicia investigação de possíveis causas de tragédia em Vinhedo, SP

A Força Aérea Brasileira (FAB) informou, na noite de sexta-feira (9), que oficiais do Centro de Investigação e Prevenção de Acidentes Aeronáuticos (CENIPA) encontraram as duas caixas-pretas do avião que caiu em Vinhedo (SP) matando 62 pessoas. Até ontem à noite, sabia-se de 61 vítimas, mas a companhia aérea Voepass confirmou mais um passageiro na manhã deste sábado.

Conforme anunciado pela FAB, as caixas-pretas, que gravavam o áudio da cabine e registrava os dados da aeronave, serão enviadas a Brasília para análise. “Estamos prontos para trazer os gravadores para Brasília (DF) e iniciar a extração e obter informações importantes para recontar o acidente”, afirmou o brigadeiro Marcelo Moreno, da Aeronáutica.

“Isso é importante para a investigação, para gente conseguir reconstituir o acidente, de forma a entender aquela ocorrência para entregar a prevenção de acidentes e a segurança de transporte para a sociedade”, explicou.

O CENIPA é referência internacional nesse tipo de investigação, mas pode solicitar informações da fabricante em



ATR 72 da Voepass com 62 pessoas caiu em SP

caso de dificuldades para extrair os áudios. “Nós temos a capacidade de fazer a obtenção desses dados, mas, em função da gravidade do evento, o gravador é exposto a uma temperatura tão alta que os equipamentos internos se danificam, impossibilitando a extração. Mas quando isso ocorre, temos acordo de parceria com agências de investigações, da França, Canadá ou dos Estados Unidos”, afirma Moreno.

Ainda no final da tarde de sexta-feira, a FAB informou que a tripulação do avião ATR 72 não reportou ao controle de tráfego aéreo emergência e nem problemas nas condições meteorológicas. Segundo o Departamento de Controle do Espaço Aéreo (Decea), a comunicação seguiu normal até às 13h20 e, a partir de 13h21,

não houve mais respostas da tripulação ao controle aéreo.

O avião decolou de Cascavel às 11h46, (PR) e seguiria para Guarulhos (SP). Após o último contato com a torre de controle, a aeronave fez uma curva brusca. Às 13h22, a altitude estava em 1.250 metros, quando o avião teve uma queda de aproximadamente 4 mil metros, atingindo o quintal de uma casa de um condomínio em Vinhedo. A velocidade dessa queda foi de 440 km/h. Nenhum morador ficou ferido.

De acordo com as últimas atualizações, até a manhã deste sábado, 12 corpos já foram retirados dos escombros, sendo que dois já foram identificados. Todos os corpos estão sendo levados para o IML de São Paulo.



Jornalista foi alvo de ataques após criticar presença de Israel nos Jogos

Boulos diz que Venezuela não é seu modelo e que “militianização” coloca democracia em risco

O deputado federal e candidato à Prefeitura de São Paulo, Guilherme Boulos (Psol), declarou nesta quarta-feira (7) que a Venezuela não é o seu “modelo de democracia” e que considera a justa a cobrança por mais transparência no pleito presidencial de 28 de julho, posição também defendida por seu partido.

O candidato ressalta que o país vizinho está a 4 mil quilômetros de distância e que a “militianização” que avança da Guarda Civil Metropolitana (GCM) é uma ameaça “muito mais candente à democracia da nossa cidade”.

“Não é o meu modelo de democracia. Estamos propondo e cobrando um modelo de transparência. Se ficar comprovado que houve fraude nas eleições e o governo que exercitou fraude permanecer no governo, aí você não terá mais uma democracia”, disse, em sabatina do portal G1.

O Conselho Nacional Eleitoral da Venezuela, controlado pelo governo do país, declarou Nicolás Maduro como o vencedor das eleições. Segundo o órgão, o chavista conquistou 51,2% dos votos válidos contra 44,2% do candidato opositorista Edmundo González Urrutia. Os adversários de Maduro contestam os resultados e declaram González Urrutia vencedor com 70% dos votos.

“Se ficar comprovado que houve fraude nas eleições e o governo que exercitou a fraude permanecer, não vai ter mais lá uma democracia”, disse ao ser perguntado se considera o governo do presidente Nicolás Maduro (Partido Socialista Unidos da Venezuela, esquerda) uma democracia ou uma ditadura.

“Democracia para mim é um princípio inegociável, seja aqui, seja na Venezuela, seja em qualquer parte. Isso é importante que fique dito. Eu sou filiado ao PSOL, ajudei a construir a nota partidária, e o meu posicionamento é o de que as cobranças por transparência no modelo eleitoral da Venezuela são absolutamente justas. E que o governo venezuelano e o Tribunal Eleitoral de lá precisam prestar esse esclarecimento para a sociedade como um todo”, completou o candidato do PSOL.

No último dia 29, logo após a eleição na Venezuela, Boulos afirmou que estava acompanhando “com preocupação” a situação no país vizinho. Sem criticar o processo eleitoral, o deputado do PSOL disse que vai esperar a posição da diplomacia brasileira e a divulgação das atas das sessões eleitorais.

“Acompanhamos com preocupação a situação da Venezuela. Vamos esperar a posição da diplomacia brasileira, que está monitorando de perto a situação no país e aguardando a divulgação das atas das sessões eleitorais”, disse Boulos.

O congressista respondeu também que a Venezuela “está a mais de 4.000 km” e que há “assuntos mais urgentes” para serem tratados em São Paulo.

MILITIANIZAÇÃO

“Um candidato que é apoiado por [Jair] Bolsonaro [PL] [em referência ao prefeito Ricardo Nunes, do MDB] avança num projeto de ‘militianização’ da Guarda Municipal, o crime organizado entrando em contratos com a prefeitura, são ameaças muito mais candentes à democracia da nossa cidade do que qualquer debate internacional”, disse.

“Temos feito um debate sobre a Prefeitura de São Paulo e é lógico que o debate democrático é importante e não me furtarei dele, mas sou candidato a prefeito de São Paulo e preciso tratar sobre essas questões que afligem a população de uma maneira muito mais forte do que um debate diplomático internacional”, afirmou.

Melo jogou Porto Alegre na enchente, diz Maria do Rosário no debate da Band

O debate eleitoral exibido pela TV Bandeirantes nesta quinta-feira (8) foi marcado por intensas críticas à gestão do prefeito Sebastião Melo (MDB), especialmente em relação à enchente histórica que atingiu Porto Alegre em maio. A candidata Maria do Rosário (PT) destacou falhas graves na manutenção das estações de bombeamento e no sistema de proteção contra cheias, acusando Melo de negligência.

Rosário afirmou que a cidade foi “jogada na enchente” pela administração atual, que, segundo ela, não realizou os investimentos necessários para prevenir a inundação que devastou bairros inteiros da capital. Ela também ironizou as constantes reclamações de Melo sobre a falta de apoio do governo federal, insinuando que o prefeito prefere transferir suas responsabilidades em vez de apresentar soluções eficazes.

Maria do Rosário, que confirmou recentemente aliança com o PSB, mostrou-se confiante em sua proposta de “puxar a cidade para cima” e defendeu maior atuação do poder público na proteção contra desastres naturais. Em suas considerações finais, reiterou que a atual administração falhou em proteger a população e que sua gestão seria marcada por investimentos sólidos em infraestrutura e serviços públicos essenciais.



Ana Patrícia e Duda garantiram o ouro do vôlei de praia

‘Unir trabalhadores e empresários para tirar o país do buraco da especulação’



“Acordo” entre Eletrobrás e governo “é altamente lesivo ao país”, denuncia eletricitário

O engenheiro Ikarô Chaves, ex-membro do conselho de administração da Eletronorte, representando os trabalhadores, afirmou, nesta quinta-feira (8), em entrevista ao jornalista Cláudio Porto, do programa “Da Prática Política”, que o acordo que está sendo anunciado entre o governo e a Eletrobrás na questão da participação acionária da União na empresa, é altamente lesiva aos interesses do país.

“A própria Eletrobrás divulgou ao mercado os contornos do acordo. Se concretizado, ele vai significar uma grande derrota para o país e o sistema elétrico brasileiro. Tudo ficará ainda pior do que está hoje. A própria empresa disse aos seus acionistas que eles não têm com que se preocupar”, afirmou Ikarô.

O engenheiro disse ainda que os eletricitários não achavam o caminho do Supremo Tribunal Federal o melhor meio para se resolver a controvérsia sobre qual deveria ser o poder de voto do governo na Eletrobrás. No entanto, não foram contra a Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADIN) usada pelo Planalto. “Achávamos que poderia ajudar na luta pela reestatização da empresa”, disse.

“O STF não era o melhor caminho, porque ele deixou, por exemplo, que a Petrobrás fosse vendida aos pedaços e, com isso, refinarias foram vendidas como quem vende banana”, afirmou. “O STF já havia avalizado a privatização da Eletrobrás sem licitação. O próprio STF autorizou a privatização da Eletrobrás, contrariando entendimento dele mesmo”, destacou o engenheiro.

“Já dizíamos isso desde o início na campanha do presidente Lula, mas não fomos ouvidos. Isso poderia até ser uma etapa intermediária na luta pela reestatização”, argumentou Ikarô, mas acabou neste acordo que não traz nada de bom para o país.

Ele acrescentou que “o Brasil precisa com urgência retomar o controle soberano do setor elétrico, porque, nenhum país do mundo abre mão desse controle”. “E também porque os donos da Eletrobrás estão destruindo a ex-estatal. Estão demitindo os melhores técnicos e acabando com a memória técnica da empresa”, alertou.

“Durante a campanha foi dito que o objetivo era recuperar a Eletrobrás como patrimônio do povo. Esse era um dos objetivos anunciados pelo governo. Isso está no programa de governo Lula”, acrescentou Ikarô, apontando que o desfecho com esse acordo, anunciado agora, mostra que “esse caminho escolhido pela equipe do Planalto não foi o melhor”.

Pelo acordo, que foi informado pela empresa aos seus acionistas, um novo Conselho de Administração seria formado pela empresa com 10 integrantes. O governo ficaria com 3 assentos, mas mantendo os 10% de votos na assembleia de acionistas. Em contrapartida, a Advocacia Geral da União (AGU) teria que retirar a ação do STF. Além disso, a Eletrobrás venderia sua participação na Termonuclear ao governo. Ou seja, ficaria tudo como está hoje no comando da Eletrobrás.

“O problema não é de cadeiras no conselho”, advertiu Ikarô. “Quem determina o poder de uma empresa de Sociedade Anônima é a assembleia geral. Ela tem esse poder e o expressa no conselho de administração. Os conselheiros representam os acionistas. O governo terá 3 conselheiros mas não terá os votos correspondentes na assembleia geral”, observou o engenheiro. “Portanto, nas questões estratégicas da empresa, o governo perderá sempre de 7 a 3”, acrescentou.

Ele deu como exemplo em sentido contrário o que ocorreu na Enel italiana, que foi privatizada nos anos 90. “O governo italiano permanece com 23% das ações. Existe uma cláusula no estatuto da Enel que nenhum outro acionista pode ter mais de 3% dos votos. O governo italiano tem 23% dos votos. Com esses 23% dos votos, o governo manda na Enel”, apontou o especialista.

“Quando você tem votos substanciais, você pode fazer acordos de acionistas e obter maioria. Você pode construir uma maioria”, argumentou Ikarô. “Com 10% dos votos, o governo brasileiro não vai construir maioria nenhuma. As três cadeiras não vão servir para absolutamente nada, além de enriquecer algumas figuras”, prosseguiu.

“Ele até poderia construir essa maioria, se tivesse vontade política”, ponderou Ikarô. “O governo tem 43% das ações. Mesmo mantendo apenas 10% de votos, ele ainda é o maior acionista com poder de votos. O segundo é o Fundo Soberano de Singapura, com 3%. O governo poderia usar os fundos de pensão e tentar costurar uma maioria, mas não tem essa vontade política. Parece satisfeito com o modelo privatista do setor”, argumentou.

Ikarô falou também sobre a decisão, que faz parte do acordo, sobre a situação da Termonuclear. “O governo vai ser lesado no acordo e, no caso da Termonuclear, ainda está disposto a causar um prejuízo ainda maior para a União”, disse ele. “A Eletrobrás, que está privatizada, não pode ser privatizada, pertencendo à Eletrobrás, que era uma empresa estatal.

A Constituição diz que todas as atividades nucleares são monopólio do Estado. O governo Bolsonaro – que vendeu a empresa – então teria que pagar 4 bilhões de reais pela Eletronuclear com a privatização.

“Como o governo não tinha os R\$ 4 bilhões em caixa, eles fizeram uma armarção. A Eletrobrás ficou com 85% de capital privado. Ela pertence à Eletrobrás, que está privatizada. A União tem 51% das ações que dão direito a voto”, explicou Ikarô.

“Isso criou um problema, porque o Brasil precisa investir no seu sistema nuclear, em Angra 3, e nas modernizações das atuais usinas, que são usinas antigas. Vai ter que colocar dinheiro, mas a Eletrobrás não quer colocar dinheiro”, acrescentou o engenheiro.

“Então, no acordo, o governo recebe a Eletronuclear de volta e terá que assumir o que a Eletrobrás não quer fazer”, apontou. Ou seja, terá que colocar recursos. “O governo abriria mão de ações na Eletrobrás em troca de ações na Eletronuclear. É mais ou menos como trocar um quilo de filé mignon por um quilo de osso”, denunciou Ikarô.

“Então”, prosseguiu o engenheiro, “o governo vai assumir os encargos da Eletronuclear e a Eletrobrás vai se livrar disso, de graça. Tudo isso a troco de três vagas no conselho de administração”. “Nesse acordo só quem se deu bem foi a Eletrobrás e seus donos, Lemann, Telles e Sicupira. O Brasil vai sair mais lesado ainda”, denunciou o especialista, concluindo que se o acordo for fechado, o governo Lula poderá estar decretando o fim do sistema elétrico público no país.



Chicão, presidente presidente do Sindicato dos Eletricitários de São Paulo



SP: em assembleia lotada, trabalhadores dos Correios aprovam greve por reajuste

Em assembleia, nesta quarta-feira (7), os trabalhadores dos Correios aprovaram greve por tempo indeterminado a partir das 22h. De acordo com a Federação Interestadual dos Sindicatos dos Trabalhadores dos Correios (Findect), a decisão veio após a empresa apresentar uma proposta tardia no final da tarde, que não atende às demandas da categoria trabalhadora. “A proposta inclui um reajuste salarial somente para 2025 e não oferece uma resposta conclusiva e concreta em relação ao plano de saúde”, diz a entidade em comunicado.

O encontro ocorreu na quadra da escola de samba Unidos do Peruche, na Zona Norte da capital paulista, e contou com participação expressiva da categoria, reunindo mais de 5 mil trabalhadores. “A mobilização de hoje é um sinal claro de que a categoria está unida e determinada. Não aceitaremos propostas que não atendam às nossas necessidades básicas e não confiaremos em quem não cumpriu acordos passados. Nossa greve é uma ferramenta

essencial para garantir que nossos direitos sejam respeitados e atendidos”, afirmou o presidente do Sindicato dos Trabalhadores dos Correios de São Paulo (Sintect-SP), Elias Diviza.

Presente na atividade, levando a solidariedade dos trabalhadores da educação, o presidente do Sindicato dos Profissionais em Educação no Ensino Municipal de São Paulo (Sinpeem), Claudio Fonseca, destacou que há interpretações erradas sobre o papel da greve por parte de alguns setores, inclusive do campo progressista. “Há aqueles que acham que a greve enfraquece o governo Lula. Muito pelo contrário, o governo Lula é um governo em disputa e o próprio Lula sinaliza que os trabalhadores têm que se organizar, têm que pressionar para ter conquistas. Assim se fortalece a democracia”, disse.

“Se elegemos esse governo, não foi para ter na direção da empresa alguém que negue as reivindicações dos trabalhadores. Nós vemos os banqueiros se mexendo

para ter taxa de juros lá em cima, o agronegócio querendo incentivos fiscais, querendo tirar direito dos trabalhadores e eles pressionam os deputados, os senadores e têm seus lobbys. O maior lobby dos trabalhadores é a categoria organizada e em greve para ter conquistas, para arrancar direitos. Por isso temos que ter a certeza de que estamos no rumo certo!”, completou Claudio.

Durante seu informe, Diviza explicou que após 72 dias, a direção da empresa pediu mais uma semana para “acertar o convênio médico”. “Se não resolveu em 72 dias, vai resolver em uma semana?”, indagou.

Diviza destacou ainda que o que a categoria exige “melhores condições de trabalho, um aumento decente e avançar nas conquistas dos trabalhadores. O que tivemos ano passado foi a retomada do que já era nosso [retirado durante o governo Bolsonaro], agora que devem vir os avanços. Se querem evitar a greve, dê o que a gente quer”.



Eduardo Anunciato, o Chicão, presidente do Sindicato dos Eletricitários de São Paulo, fala ao HP sobre a defesa da indústria nacional

Eduardo Anunciato, o Chicão, presidente do Sindicato dos Eletricitários de São Paulo e da Federação dos Trabalhadores em Empresas do Meio Ambiente, declarou, em entrevista ao HP, que o debate instalado na sociedade brasileira sobre a reindustrialização, por empresários e confederações de trabalhadores, é uma iniciativa patriótica. “Os dirigentes sindicais, por sua própria identidade, têm a responsabilidade de tomar a iniciativa, buscar saídas para o buraco econômico que enfiaram o Brasil”. “Nunca foi tão importante o diálogo entre os trabalhadores na busca do equilíbrio e da saúde econômica, tão necessários para a vida do país, enquanto uma nação soberana em todos os aspectos”, disse.

Para Chicão, que também é vice-presidente da Força Sindical, o Brasil carece de crescimento industrial, de políticas desenvolvimentistas e de articulação entre todos os setores da economia. “Nosso país é grande demais para ficar refém de certos segmentos da sociedade que só pensam em ganhar dinheiro, mesmo que para isso sacrifiquem os interesses nacionais”.

Chicão acha que “temos que fazer um grande pacto, que assegure o desenvolvimento, sem a dilapidação de setores, e, principalmente, sem precarizar a mão de obra e nem reduzir a dignidade do povo trabalhador brasileiro”. O líder sindical avalia que “chegar a hora do empresariado deste país, ligado à produção, observar o interesse nacional e o crescimento econômico. É inadmissível que nossas commodities saiam do Brasil para beneficiarem outros países ao só agregarem valor no exterior, gerando empregos e divisas para outras nações, em detrimento do nosso país, que detém as matérias-primas e as condições fundamentais para

alimentar a indústria”. Confiante, Eduardo afirma que “acredito que toda iniciativa do movimento sindical, no sentido de criar condições de desenvolvimento econômico com a qualidade que a indústria gera, é, neste momento, imprescindível para a retomada do crescimento do país”.

Chicão falou também sobre a privatização da Eletrobrás, e declarou que “essa privatização foi um desastre na forma que foi modelada e com seus efeitos na economia”. “A Eletrobrás tinha o papel de garantir o equilíbrio energético no Brasil, e monopólio na mão do setor privado, com o foco no lucro, não pode dar certo”.

Considera que “a energia elétrica no Brasil deveria ser revista como um elemento fundamental para o desenvolvimento, e não mais como um negócio. Um país que busca crescer, tem que ter preocupação com suas fontes energéticas e investir nas políticas aplicadas nesse setor”. O eletricitário tem a opinião de que “monopólios naturais, como energia e água, que têm papel estratégico, não deveriam ser geridos pelo interesse privado”.

Para ele, é fundamental “um grande debate nacional, que avalie a contribuição de cada setor para o desenvolvimento do Brasil. Deve ser um debate sincero, sem freio de ideias, sem omissão e nem exageros, uma análise de onde estamos e uma projeção de onde queremos chegar”, definiu.

“Creio que deveríamos promover um grande encontro dos setores laborais e patronais da indústria, para, juntos, consolidarmos uma aliança e traçarmos as metas dos trabalhadores, das empresas e do governo, na busca de uma indústria forte, geradora de bons empregos e de um projeto de desenvolvimento nacional”, propõe o dirigente sindical.

CARLOS PEREIRA



Servidores da Fiocruz cobram reajuste em protesto no Ministério da Fazenda

Em seu segundo dia de greve, os servidores da Fiocruz realizaram um ato em frente à sede do Ministério da Saúde, no Centro do Rio, na manhã de quinta-feira (8). O movimento dos trabalhadores, liderado pela Asfoc (Associação dos Servidores da FioCruz), reivindica reposição das perdas salariais com 20% de reajuste para 2024, 20% para 2025 e 20% para 2026.

Além do ato em frente ao Ministério da Saúde, os trabalhadores fizeram uma passeata até a sede do Ministério da Fazenda, também no Centro, portando faixas e cartazes com dizeres sobre a valorização da categoria e a importância da instituição para o conjunto da

sociedade.

“O sindicato, junto com o conjunto dos trabalhadores, exige respeito à categoria, a valorização dos trabalhadores e trabalhadoras. Estamos em constante diálogo com o Ministério da Gestão e Inovação (MGI), com o Ministério da Saúde e com a Presidência da República para que a gente possa ter a valorização necessária”, afirmou a diretora de Legislação e Assuntos Jurídicos da entidade, Mychelle Alves.

Em sua fala, Mychelle também destacou “as perdas salariais exorbitantes” apontadas em estudo do DIEESE e apresentado pelo sindicato ao MGI durante as negociações da mesa específica.

‘EUA deixa seus atletas competirem dopados’, afirma Agência Antidoping



Boeing Starliner antes do chabu (AFP)

Barbearagem da Boeing detém astronautas no espaço até 2025

Os astronautas da NASA, Barry Wilmore e Sunita Williams, membros de uma missão prevista para durar oito dias na Estação Espacial Internacional (ISS), podem ficar retidos no espaço até 2025 devido a problemas com o sistema de propulsão da espaçonave Boeing Starliner, a bordo da qual foram levados até a estação.

Desta forma a crise da Boeing, bastante visível na fabricação de aeronaves civis, alcança o espaço e apresenta novos problemas, como são obrigados a assumir seus projetistas e diretores.

São problemas de engenharia do projeto e dos processos de controle de fabricação e da qualidade, vistos na área civil da gigante aeronáutica norte-americana, que acabaram por se repetir no desenvolvimento da Starliner e seus subsequentes transtornos no transporte dos astronautas.

A espaçonave já havia apresentado problemas de propulsão ao voar para a plataforma orbital, como vazamentos de hélio, gás inerte usado para pressurizar o sistema, e perda de potência de propulsores do sistema de controle de reação, que são necessários para direcionar a nave durante sua partida da estação e de volta à Terra e ainda prepará-la para a reentrada na atmosfera.

Isso significa que, apesar de terem chegado em segurança à ISS, os astronautas podem precisar de uma espaçonave alternativa para retornar.

Em entrevista coletiva, na quarta-feira, 7 de agosto, a agência realizou uma atualização da situação dos dois astronautas que estão no espaço sideral há 63 dias — aproximadamente sete semanas a mais do que o esperado — após o lançamento em 5 de junho.

Os membros da NASA mencionaram que será decidido, até meados de agosto, se há riscos de Wilmore e Williams retornarem na mesma nave que os transportou para a ISS. Isso exigirá que os astronautas permaneçam mais tempo na estação até que a Starliner possa realizar o desacoplamento.

O gerente do programa de tripulação comercial da Agência, Steve Stich, indicou que a nave atualmente não tem a capacidade de desacoplar automaticamente da ISS, por isso será necessário atualizar o seu software, além do que a equipe de controle do voo da Boeing teria que receber “informações adicionais”.

Stich assinalou que se considera a possibilidade de que Wilmore e Williams retornem a bordo de uma espaçonave Crew Dragon da empresa SpaceX, que será lançada à ISS no próximo mês, com apenas dois dos quatro tripulantes desajustados para ela. Essa nave transportaria trajets espaciais adicionais para os dois astronautas.

Leia mais no site do HP

Fabricante de computadores Dell faz demissão em massa

Em um memorando para funcionários da Dell, os executivos de vendas Bill Scannell e John Byrne informaram que estão “emagrecendo” a empresa, alegando fazer mudanças focadas em produtos e serviços com IA e que estão mudando conforme as vendas de ‘data centers’ são abordadas.

“Estamos simplificando as camadas de gestão e redefinindo as prioridades onde investimos”, escreveram no memorando.

Quando questionado sobre os números das novas demissões, o porta-voz da Dell recusou-se a comentar. “Através de uma reorganização de nossas equipes de entrada no mercado e de uma série contínua de ações, estamos tornando uma empresa mais enxuta,” disse o porta-voz.

A Dell recentemente atraiu interesse para investimento no ano passado devido aos seus servidores de alta potência que podem executar demandas computacionais de trabalho em IA, apesar da incerteza de quanto tempo os investimentos das ‘big techs’ em IA para verem o retorno nos lucros.

Em um artigo da Bloomberg que saiu segunda-feira, a última demissão se deve ao nervosismo

dos investidores pela demora no retorno nos lucros com IA por causa dos altos gastos com servidores e unidades de processamento gráfico.

As demissões começaram no ano passado totalizando 13.000, com 6000 demissões somente no mês de fevereiro de 2023 e mais em agosto, os números das demissões foram omitidos pela Dell.

Com sede que fica no Texas, a Dell é hoje avaliada em U\$80 bilhões de dólares, e tem 120.000 pessoas que trabalham para ela no mundo todo. Neste ano de 2024, suas ações tiveram alta de 34% mas já perderam 40% de seu valor depois que atingiu o recorde de U\$179,21 em maio.

Outras companhias de tecnologia estão tendo problemas semelhantes, a exemplo da Intel, fabricante de chips e processadores, anunciou no começo deste mês a demissão de 15% de sua força de trabalho por não conseguir acompanhar uma tendência com IA. Perderam U\$ 1.6 bilhão de dólares. Somente nesse ano, 384 empresas demitiram mais de 124.000 trabalhadores no total, deixando de serem funcionários de empresas de nomes conhecidos como a Microsoft, Dyson, Intuit e UKG.



Witold Banka, presidente da Agência Mundial Antidoping (WADA)

Milei trama entrega da estatal “Fabricaciones Militares” aos EUA, denunciam servidores

A Associação dos Trabalhadores do Estado (ATE) da Argentina condenou a pretensão do governo de Javier Milei de entregar a estratégica estatal “Fabricaciones Militares Sociedad del Estado (FMSE)” — com mais de 80 anos de experiência — aos Estados Unidos. A medida neoliberal — e, sobretudo antinacional — seria parte da “política de ajuste fiscal e desmantelamento” que propõe a desnacionalização do setor produtivo, mudando inicialmente o nome da empresa para depois converter a figura jurídica de patrimônio público para Sociedade Anônima (S.A.).

Conforme a reunião nacional da ATE na quarta-feira (7), Milei pretende transferir já em setembro o setor metalmeccânico da Fabricaciones Militares em Rio Tercero, na província de Córdoba, e depois avançar para as demais das fábricas. Diante disso, os servidores entraram em “estado de alerta e assembleia permanente” no conjunto das unidades da empresa.

De acordo com os dirigentes, é preciso que “em cada linha produtiva” a categoria enfrente a situação negativa que atravessa a FMSE, “com o desmantelamento de grande parte

das instalações de cada uma das fábricas, a caducidade das licenças de produção, a redução da produtividade e a perda da soberania nacional, produto dos acordos com outras empresas estrangeiras em setores estratégicos”.

Para exemplificar a dimensão da catástrofe em curso, citaram que a Fábrica Militar Azul (Fanazul) não produz o explosivo em pó Sipolex desde dezembro; falta de investimento na Usina Jachal, em San Juan, província onde haverá uma grande operação de mineração que será absorvida por uma multinacional privada, eliminando a possibilidade da estatal fornecer explosivos para aquele projeto; a não-participação da estatal no concurso público de US\$ 1,5 bilhão para a fabricação e reparação de um colote de 45 vagões para a Linha Ferroviária Belgrano Carga; a paralisação da Usina Villa María; a queda nos níveis de produtividade da Usina Beltrán (a mais importante dos últimos 10 anos), entre outros.

O entreguismo é escandaloso, advertem os servidores. Em junho passado, ocorreu uma inspeção secreta do Departamento de Defesa dos

Estados Unidos e estima-se que a produção de armas não seria para as Forças Armadas Argentinas, mas para a Organização do Tratado Atlântico Norte (OTAN).

Coordenador nacional da ATE Fabricaciones Militares, Fernando Peyrano, recordou que o desmantelamento deste importante patrimônio público não pôde ser plenamente concretizado nos anos 90 devido à luta realizada pela entidade com o respaldo dos argentinos. “Naquela época éramos 25 fábricas conectadas, depois restaram 14, e delas quatro ficaram sujeitas à privatização. Em 2015 saímos daquela figura jurídica que nos sujeitava à privatização e há cerca de seis meses conseguimos o Acordo Coletivo de Trabalho. O novo avanço da direita nos encontra unidos, organizados e determinados a combater esta situação muito particular que quer tirar a nossa soberania, o caráter público das empresas estratégicas e nos jogar no olho das ruas”, destacou.

Leia mais no site do HP

Zakharova condena ataques a civis russos por forças do “regime neonazista de Kiev”

“O regime criminoso de Kiev continua atacando habitantes inocentes de cidades e vilarejos russos. Os neonazistas ucranianos, que fracassaram miseravelmente na zona de combate, estão cometendo atos terroristas sangrentos contra a população civil”, denuncia a porta-voz do Ministério do Exterior russo, Maria Zakharova.

Em declarações logo após a incursão da Ucrânia na região russa de Kursk, Zakharova cobrou dos órgãos de imprensa dos Estados Unidos e satélites europeus o respeito à verdade, uma vez que “todos esses crimes sangrentos estão ocorrendo em um contexto de silêncio cínico por parte do Ocidente, que continua a acobertar seus fantoches em Kiev”.

Destacou que “isso só fortalece a sensação de impunidade dos neonazistas ucranianos, que estão confiantes de que podem se safar da responsabilidade por qualquer atrocidade. Apela à comunidade internacional para que não fique de braços cruzados e condene resolutoamente as ações criminosas do regime de Kiev”.

Zakharova informou ainda que “os tribunais russos continuam a proferir sentenças contra neonazistas ucranianos que cometeram crimes graves contra civis com base em provas do Comitê Investigativo Russo”.

Em sua prestação de serviço aos governos norte-americanos que se empenham na Guerra Fria, o regime de Kiev destrói com dedicação os elementos que integram o patrimônio memorial soviético e russo. Segue na demolição de monumentos e não para de renomear locais associados à Grande Guerra Patriótica, à Rússia e à cultura russa.

As vezes, os funcionários do regime de Zelensky demons-



Porta-voz da Chancelaria da Rússia, Maria Zakharova

tram um cinismo especial e uma engenhosidade ao mesmo tempo ridícula e sofisticada. Por exemplo, recentemente, na região de Zhytomyr, a escultura de Lênin foi “transformada” em um monumento ao “poeta ucraniano Taras Shevchenko”, substituindo sua cabeça. No vilarejo de Luka, distrito de Kalush, região de Ivano-Frankivsk, um monumento aos soldados soviéticos que deram suas vidas pela terra ucraniana foi destruído. E ainda, um total de 78 monumentos aos libertadores está planejado para ser destruído nessa região.

No esforço para esconder seu fiasco no campo de batalha, em 4 de agosto, o regime de Kiev realizou uma pomposa apresentação de caças F-16 entregues por países da Otan. Zelensky, que estava presente no evento, agradeceu aos patrocinadores da Otan pela entrega. De acordo com o The Economist, os primeiros 10 caças (de um total possível de

79) chegaram à Ucrânia no final de julho, e seu número aumentará para 20 até o final do ano.

O restante será supostamente entregue em 2025. Mas a verdade é que, mesmo com os bilhões em aparelhagem militar fornecidos pelo Ocidente, as forças neonazistas de Kiev não param de colher reveses, particularmente na região do Donbass, cuja população votou pela libertação do tácio do regime de Zelenski

Essa medida está de acordo com a linha do Ocidente de escalada da crise ucraniana e não contribui para a criação de condições para sua solução por meio de métodos políticos e diplomáticos. Os Estados Unidos da América e seus satélites, que bombeiam cada vez mais armas letais para o regime de Kiev, estão apostando na continuação das hostilidades a qualquer custo.

Leia mais em www.horadopovo.com.br

A Agência Mundial Antidoping (Wada) denunciou a Agência Antidoping norte-americana (Usada) por permitir, desde 2011, que atletas dos EUA competissem dopados, sem nenhuma restrição

Segundo a denúncia, a Usada permitiu, por anos, que atletas norte-americanos dopados competissem, sem nunca punir ou impedir que eles participassem dos torneios, sob o pretexto de que estariam atuando como seus “agentes secretos” antidoping.

Em nota oficial, a Wada informou que está ciente de, pelo menos, três casos de atletas que competiram por anos dopados, “enquanto agiam como agentes secretos da Usada, sem que a Wada fosse notificada e sem que houvesse qualquer disposição permitindo tal prática sob o código ou as próprias regras da Usada”.

Na nota, a Wada chamou a agência antidoping dos EUA de “hipócrita”, por suas frequentes acusações contra atletas de outros países, como a China e a Rússia.

“Este esquema da Usada ameaçou a integridade da competição esportiva, que o Código busca proteger. Ao operá-lo, a Usada estava em clara violação das regras. Ao contrário das alegações feitas pela Usada, a Wada não aprovou esta prática de permitir que trapaceiros de drogas competissem por anos com a promessa de que tentariam obter evidências incriminatórias contra outros”.

“Como outros atletas devem se sentir sabendo que estavam competindo de boa-fé contra aqueles que eram conhecidos pela Usada por terem trapaceado? E irônico e hipócrita que a Usada grite quando suspeita que outras Organizações Antidoping não estão seguindo as regras à risca, enquanto não anunciou casos de doping por anos e permitiu que trapaceiros continuassem competindo, na remota possibilidade de que pudessem ajudá-los a pegar outros possíveis violadores”.

“A Wada se pergunta se o Conselho de Diretores da Usada, que governa a agência norte-americana ou o Congresso dos EUA, que a financia, sabiam sobre essa prática não conforme que não apenas minou a integridade da competição esportiva, mas também colocou a segurança dos atletas cooperantes em risco”.

“ATELA DE ELITE” DOPADO

A Wada citou o caso de um atleta de elite norte-americano que teria competido em eliminatórias olímpicas e eventos internacionais, mesmo tendo admitido ter tomado esteiróides e outras substâncias ilegais. Mesmo assim, foi autorizado pela agência antidoping norte-americana a continuar competindo até a aposentadoria. A identidade dele não foi revelada.

“Seu caso nunca foi publicado, os resultados nunca foram desqualificados, o prêmio em dinheiro nunca foi devolvido e nenhuma suspensão foi cumprida. O atleta foi autorizado a competir contra seus competidores desavisados como se nunca tivesse trapaceado”, sublinha a nota da entidade antidoping mundial.

“Nesse caso, quando a Usada finalmente admitiu à Wada o que estava acontecendo, ela aconselhou que qualquer publicação de consequências ou desqualificação de resultados colocaria a segurança do atleta em risco e pediu à Wada que concordasse com a não publicação. Sendo colocada nessa posição impossível, a Wada não teve escolha a não ser concordar”, acrescentou a nota oficial da Wada.

Segundo a Usada, sua liberação dos dopados, aliás,

“infratores”, para competir teria permitido fornecer “informações” para que uma “investigação do FBI” avançasse. “Uma maneira eficaz de lidar com problemas maiores e sistêmicos”, asseverou, na cara dura, o presidente-executivo do organismo de fraude do esporte dos EUA, Travis Tygart, à Reuters.

A agência de notícias britânica reconheceu que não há nenhum trecho no código mundial antidoping que diga que atletas violadores possam continuar competindo, sem serem processados ou sancionados. Embora o código permita que um atleta infrator que ajude “substancialmente” em uma investigação de doping possa pedir a suspensão de parte das punições após o processo.

Ainda segundo a agência antidoping dos EUA, a declaração da Wada seria uma “uma difamação”, em resposta às suas críticas contra nadadoras chinesas.

CHINA PEDE INVESTIGAÇÃO

A Agência Antidoping da China (Chinada) pediu na quinta-feira uma investigação independente sobre a má conduta da Usada, assim como a intensificação dos testes em atletas de atletismo dos EUA e esforços para reconstruir a confiança global na competição justa.

“Dadas as manchas profundamente enraizadas no atletismo dos EUA e o repetido desrespeito da Usada por procedimentos e padrões, há motivos para suspeitar que há um problema sistêmico de doping no atletismo nos EUA, e os casos positivos merecem investigação e atenção contínuas”, disse a Chinada, listando vários escândalos de doping nos EUA.

Para a agência de notícias chinesa Xinhua, é preciso responder a como garantir o fair play, o jogo limpo, quando a grande maioria dos atletas dos EUA está fora do sistema antidoping global da Wada e uma legislação emanada do Congresso dos EUA (Lei Rodchenkov) permita que os EUA imponham sanções a atletas de outros países, mas não a certos atletas norte-americanos, numa ilegal manifestação da jurisdição de braço longo.

Como denunciou o jornal Global Times, a campanha de difamação movida pela Usada contra atletas chineses da natação, sobre um incidente de 2021, levou a um esquema excessivo de testes antidoping contra atletas chineses antes e durante os Jogos Olímpicos de Paris 2024. No caso, 23 nadadores chineses testaram positivo para trimetazidina (TMZ) devido à contaminação inadvertida, em uma competição doméstica, o caso foi examinado e puderam competir em Tóquio.

Em paralelo ao frenesi sobre as “nadadoras chinesas”, a Usada permitiu que o velocista americano Erryon Knighton competisse nos Jogos Olímpicos de Paris sem suspensão, depois que ele testou positivo para trembolona. A Usada atribuiu o resultado à contaminação da carne, apesar do fato de a trembolona não ser frequentemente encontrada como contaminante.

Antes da abertura dos Jogos de Paris, o chefe da Wada, Witold Banka, alertou os EUA em 24 de julho que as acusações infundadas da Usada contra atletas chineses são “politicamente motivadas” e “tendenciosas contra a China”.

Leia a íntegra no site do HP

Oswaldo Cruz: uma vida para o Brasil (3)

Continuação da edição anterior

“Espanta, hoje, no golpe e na ditadura, a tremenda erupção de estupidez, que, inclusive fez o país regredir em áreas onde estava entre os mais avançados do mundo”

CARLOS LOPES

“A premissa de Leite Lopes é igualmente importante para se entender a atitude do golpe (e não somente a do golpe e de sua ditadura) em relação à ciência – e, também, ainda que de outro modo, sua hostilidade à arte e à cultura nacionais:

“Nos Estados Unidos, nesses países todos, a indústria tem laboratórios de pesquisa que vão absorvendo esse pessoal, que vai fazer pesquisa em laboratório de pesquisa de interesse para a indústria, não somente na universidade. No Brasil isso não existe, porque a indústria é estrangeira. E se amanhã o capitalismo internacional ficar refinado a ponto de dizer ‘vamos fazer pesquisa também no Brasil, empregando cientistas brasileiros’, a minha tese é de que isso não interessa ao Brasil porque se está fazendo pesquisa para interesses estrangeiros ao Brasil, com poderes de decisão fora.

“A conclusão de Leite Lopes é a seguinte:

“... que esforço fazer para adiantar o Brasil? Essa pergunta não pode ser respondida enquanto não se perguntar qual esforço deve ser feito, no Brasil, para que não somente a ciência e a tecnologia, como a economia e tudo mais, se integre no desenvolvimento para o povo brasileiro. (...) uma vez respondido o problema político, aí vamos pensar no esforço científico.

“Espanta, hoje, no golpe e na ditadura, a tremenda erupção de estupidez, que, inclusive fez o país regredir em áreas onde estava entre os mais avançados do mundo.

“É muito repisada – sobretudo em livros de autores norte-americanos – a história do ‘ano sabático’ de Richard Feynman, de como o futuro Prêmio Nobel de Física, já tendo no currículo sua participação no Projeto Manhattan, veio ao Brasil, aprendeu a ‘tocar frigideira’ e desfilou numa escola de samba carioca no carnaval de 1952. Em alguns, não falta a explicação de que o homem da eletrodinâmica quântica foi atraído pela beleza de nossas mulatas...

“Pode ser verdade – ou pode ser lenda. Pouco se diz, porém, na maioria desses livros, sobre a razão da escolha de Feynman pelo Brasil, e de sua volta ao nosso país, periodicamente, até 1964: nós tínhamos uma das comunidades de físicos mais conceituadas do mundo. César Lattes não era caso isolado, como mostram os nomes de José Leite Lopes, Mário Schenberg, Jayme Tiomno, Roberto Salmeron, Marcelo Damy, Elisa Frota-Pessoa – e estes são apenas alguns. A ciência precisa de uma comunidade de cientistas para que possa florescer. Mas foi à destruição das comunidades científicas, em vários campos do conhecimento, que a ditadura dedicou um particular afincado.

“Além dos físicos, pode-se dizer o mesmo dos cientistas do Instituto Oswaldo Cruz (IOC), onde a ditadura instalou uma incapacidade de nome Rocha Lagoa – depois promovido a ministro da Saúde.

“O conceito desse elemento, antes de 1964, foi bem expresso pelo professor Herman Lent, homem conhecido não somente pela coragem, mas, também, pelo rigor:



“O Rocha Lagoa no Instituto estava abaixo da crítica; ninguém dava nada por ele. As pessoas riam quando se comentava da possibilidade dele vir a ser diretor do Instituto. Os trabalhos dele são umas drogas” (cf. Herman Lent, depoimento, 1977, Rio, CPDOC/FGV, 2010).

“Realmente, foi preciso a derrubada do governo constitucional e a instalação de uma ditadura no Brasil para que Rocha Lagoa fosse nomeado diretor da maior e mais conceituada instituição de pesquisas da área biomédica no país.

“Na posse de Lagoa no IOC, o primeiro dos ministros da Saúde do regime ditatorial, o lacerdistas Raimundo de Brito (o mesmo que, em 1955, dera abrigo em sua clínica a Café Filho, na tentativa de golpe contra a posse de Juscelino), anunciou os novos tempos:

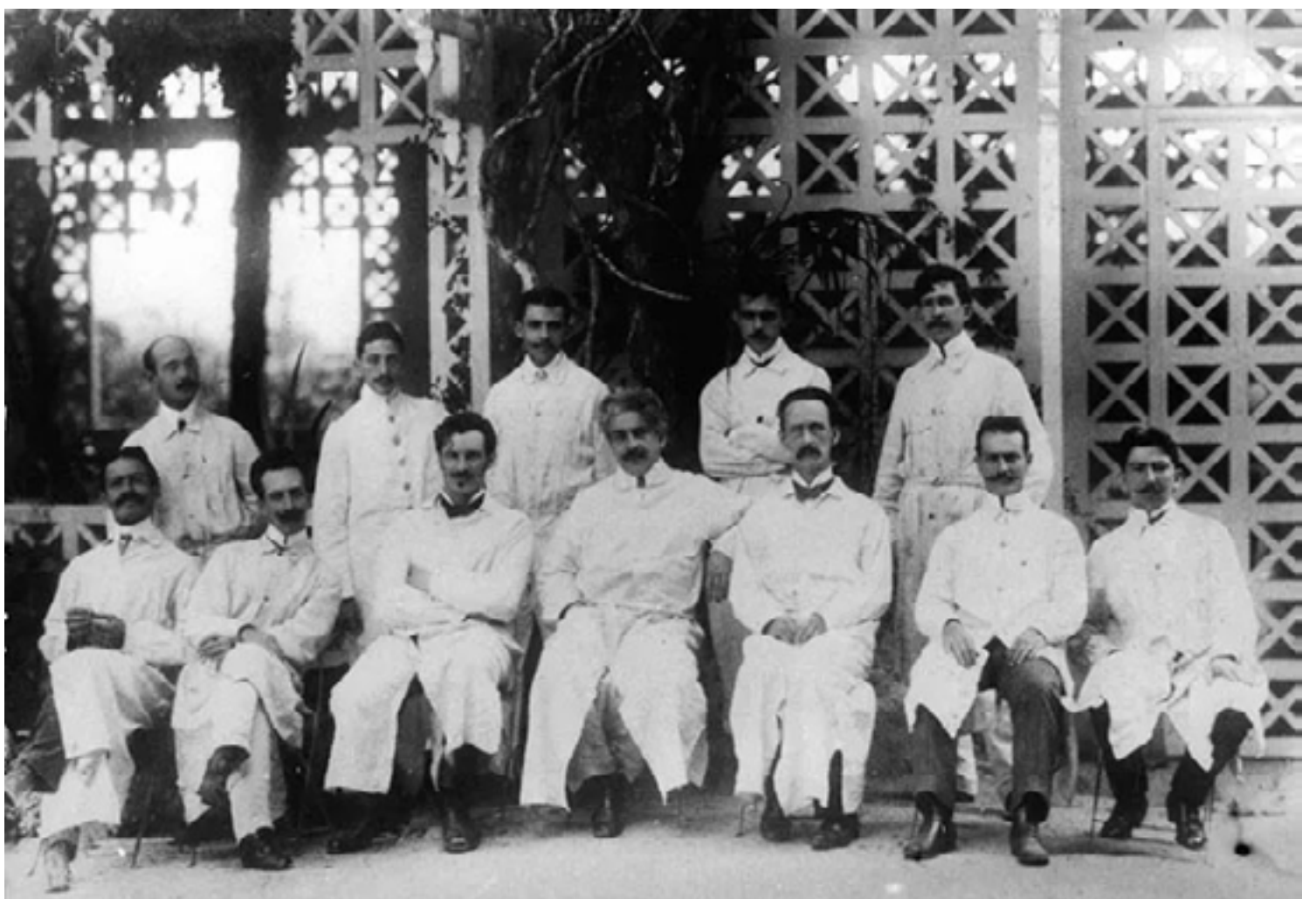
“As ideias exóticas, que em Manguinhos foram infiltradas, serão banidas definitivamente, porque nosso país precisa de homens que nos ajudem a acabar com o sofrimento do povo e não de elementos cujo único fito é destruir a liberdade, esfacelando o regime democrático. Manguinhos amanhã será uma colmeia de trabalho e não o que queriam alguns, um foco de ideias subversivas” (v. CM 24/06/1964).

“Nessa altura, não precisamos chamar a atenção do leitor para o amor dessa gente à democracia: tivemos 21 anos desse amor extremo à liberdade.

“Brito já afastara os principais cientistas do IOC das chefias de Divisão: Walter Oswaldo Cruz (Divisão de Patologia); João Teixeira de Freitas (Helminologia); Hugo de Souza Lopes (Entomologia); Herman Lent (Zoologia); Haity Moussatché (Fisiologia); Moacyr Vaz de Andrade (Estatística); Masao Goto (Micologia); Henrique Velloso (Ecologia); e Fernando Ubatuba (Endocrinologia).

“Ao que parece, Lagoa conseguiu ser nomeado presidente do IOC pela bajulação ao cardeal Câmara e a Dutra. Empossado, fez uma lista de 16 cientistas “subversivos”. Não conseguiu cassá-los. A ditadura temia a reação internacional à cassação de homens com reputação científica estabelecida em todo o planeta. Então, começou a perseguição. Com cadeira cativa no CNPq, Lagoa pressionou para que o órgão cortasse o financiamento às pesquisas dos professores Herman Lent e Haity Moussatché. Até mesmo jovens que, na época, preferiram evitar qualquer definição política – como relator depois um deles, o virologista Hermann Schatzmayr, que seria, 26 anos depois, presidente da instituição – eram perseguidos, sem que houvesse, aparentemente, algum sentido na perseguição.

“Lagoa era especialmente rancoroso contra Walter Oswaldo Cruz – talvez porque



Acima, o Instituto de Manguinhos, no Rio de Janeiro, depois batizado Fundação Oswaldo Cruz, nasceu em 1900 e hoje conta com 50 laboratórios de referência espalhados pelo país e presença internacional. É também a maior produtora mundial da vacina contra a febre amarela e considerada uma das mais importantes instituições brasileiras de pesquisa na área da saúde. No alto, Oswaldo Cruz e sua equipe de médicos e cientistas (Foto: Acervo Casa de Oswaldo Cruz)

Walter fosse filho do fundador e patrono do IOC. No entanto, Walter era, também, um pesquisador brilhante em hematologia: ‘tinha um laboratório com 50 estagiários, produtivo ao extremo e que foi liquidado pelo ódio sem nome desse Rocha Lagoa’, relatou Herman Lent, em depoimento ao CPDOC.

“Ou, como descreve um trabalho recente:

“A seção dirigida por Walter Oswaldo Cruz foi transferida para local bem menor do que o ocupado, sob a justificativa de que o espaço que ocupava era maior do que o necessário. Para a transferência foi necessária força policial porque os pesquisadores que se recusavam a desalojar o antigo lugar foram acusados de insubordinação. Os cinquenta e oito bolsistas, que sofreram com o corte dos

recursos, abandonaram o laboratório, e este passou a ter somente dezesseis assistentes, em 1966. O mesmo laboratório, pouco tempo depois, foi alvo de um levantamento realizado por uma comissão de técnicos da instituição, sob a acusação de que nele havia propaganda subversiva. Durante a revista da comissão só encontraram material científico. O local seria lacrado e as atividades na área completamente paralisadas após a morte de Walter Oswaldo Cruz, vítima de ataque cardíaco, em 1967” (cf. Elaine Kabarite Costa, “Dinâmicas científicas e contingências sociais: um estudo exploratório em Manguinhos”, IOC, Rio, 2011).

“As perseguições paralisaram o IOC. Em 1970, depois de assumir o Ministério da Saúde, Rocha Lagoa patrocinou o ‘massacre de Manguinhos’ – como o professor Lent, um dos atingidos, chamou a cassação pelo AI-5, com proibição de trabalhar no IOC e em qualquer instituição pública, de dez dos maiores pesquisadores do país na área de ciências biológicas, todos com justa fama internacional: Haity Moussatché, Herman Lent, Masao Goto, Augusto Cid de Mello Perissé; Hugo Souza Lopes, Moacyr Vaz de Andrade, Sebastião José de Oliveira, Fernando Braja Ubatuba, Tito Cavalcanti e Domingos Arthur Machado Filho (v. Herman Lent, “O Massacre de Manguinhos”, Avenir, 1978).

“Os laboratórios destes

cientistas foram desmontados.

(...) “O que se tornou a instituição de Oswaldo Cruz nessa época, é bem exemplificado por um discurso de Geisel, cinco anos depois, na V Conferência Nacional de Saúde (1975), colocando como um dos objetivos do seu governo “a recuperação da Fundação Oswaldo Cruz” (cf. Jaime L. Benchimol (coord.), **Febre amarela: a doença e a vacina, uma história inacabada**, Rio, Ed. FIOCRUZ, 2001, p. 330).

“Naquele momento, o país enfrentava uma epidemia de meningite.

“Testemunho eloquente é o de Vinícius da Fonseca, designado pelo ministro da Saúde de Geisel, Paulo de Almeida Machado, para a recuperação de Manguinhos – isto é, para presidente da Fundação Oswaldo Cruz.

“Vinícius não era médico, mas economista, e trabalhara na Secretaria de Planejamento da Presidência (Sepplan) com João Paulo dos Reis Velloso, na elaboração do II Plano Nacional de Desenvolvimento (II PND).

“Seu depoimento apresenta interesse sob vários aspectos, inclusive a relação do II PND com a Saúde Pública. Existem opiniões suas com que pode-se ou não concordar, mas isso, aqui, não é importante. Eis como descreve a situação, quando tomou posse:

“Manguinhos estava morto. Quando eu assumi, o dr. Paulo de Almeida Machado,

ministro da Saúde, disse de viva voz para a plateia: ‘Esse aqui é o homem que vai ressuscitar esse cadáver insepulto’. Palavras dele. (...) Eu vim a saber do famoso ‘massacre de Manguinhos’ já como presidente da fundação. Parece incrível isso! Cassar os direitos políticos de um pesquisador como o Herman Lent, o Haity Moussatché e outros, meu Deus, tem sentido isso? Realmente, não fazia o menor sentido. A minha interpretação é de que havia problemas profundamente pessoais, ódios acumulados durante anos.

“(…) quando houve a revolução de 1964 o Rocha Lagoa dominou o Instituto Oswaldo Cruz. (...) Ele se apossou de Manguinhos com o grupo dele, de extrema direita, sei lá se tinha ideologia nisso. Em 1970, ele foi chamado pelo Costa e Silva para ser ministro da Saúde e se aproveitou do ministério para fazer o chamado ‘massacre’” (cf. **Um estranho no ninho – memórias de um ex-presidente da Fio-cruz**, depoimento a Wanda Hamilton e Nara Azevedo, in História, Ciências, Saúde Vol. VIII (1), março/junho 2001, p. 244).

“Rocha Lagoa foi nomeado ministro por Médici em 1969 – e ficou no Ministério até 1972, quando se descobriu algumas trampolinagens na sua operosa gestão, e ele foi obrigado a demitir-se”.

Mas a obra de Oswaldo Cruz, ainda antes do fim da ditadura, seria recuperada.